

A LITERATURA NEGRO-ÁFRICANA DE EXPRESSÃO FRANCESA: UMA NOVA FORMA DE RESISTÊNCIA AO COLONIALISMO

Providence Bampoky¹

Resumo: Uma das tendências significativas da literatura negro-africana, com especial ênfase para a literatura negro-africana de expressão francesa, é privilegiar a ficção a partir da história, sendo a literatura uma ferramenta de resistência e de luta de libertação das mazelas coloniais. A intenção dessa literatura que nasceu do ímpeto de mudar os estereótipos e de reabilitar a imagem do continente negro é, de fato, reescrever sua própria história, que não será interpretada como um mero anexo da história ocidental. Com base nessas considerações, o propósito desse trabalho é propor uma discussão sobre o percurso da literatura negro-africana de expressão francesa que se formou tanto dentro como fora do continente africano. Embora produzida na língua do colonizador, influenciou o despertar da consciência revolucionária do colonizado e contribuiu, também, para a desconstrução do discurso hegemônico que o ocidente sempre se esforçou a impor como o único que se pode manter legitimamente sobre o continente negro.

Palavras-chave: Colonialismo. Resistência. Literatura africana de expressão francesa.

Abstract: One of the significant trends in Black African literature, with special emphasis on black-African literature of French expression, is to privilege fiction from history, with literature being a tool of resistance and struggle to liberate colonial miseries. The intention of this literature born of the impetus to change stereotypes and to rehabilitate the image of the black continent is in fact to rewrite its own history, which will not be interpreted as a mere annexation of Western history. Based on these considerations, the purpose of this work is to propose a discussion about the course of black-African literature of French expression that has formed

¹ Doutoranda em Letras (área: Teoria e História Literária) pelo Instituto de Estudos da Linguagem/IEL -Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. E-mail: providence.bampoky@gmail.com

both inside and outside the African continent. Although produced in the language of the colonizer, it influenced the awakening of the revolutionary consciousness of the colonized and also contributed to the deconstruction of the hegemonic discourse that the West has always endeavored to impose as the only one that can legitimately be maintained on the black continent.

Keywords: Colonialism. Resistance. French literature of French expression.

Résumé: L'une des grandes tendances de la littérature négro-africaine, en particulier, la littérature négro-africaine d'expression française, est de privilégier la fiction à partir de l'histoire. La littérature étant un outil de résistance et de lutte de libération des exactions coloniales est née du besoin de changer les stéréotypes et de réhabiliter l'image du continent noir. En effet, réécrire une histoire propre au continent qui ne sera pas interprétée comme une simple annexe de l'histoire occidentale. Sur cette base, l'objectif de cet article est de proposer une analyse du parcours de la littérature négro-africaine d'expression française qui s'est formée à l'intérieur comme à l'extérieur du continent africain. Bien que produit dans la langue du colonisateur, a su influencé le réveil de la conscience révolutionnaire du colonisé et a également contribué à la déconstruction du discours hégémonique que l'occident a toujours cherché à imposer comme le seul qui peut être tenu légitimement sur le continent noir.

Mots-clé : Colonialisme. Résistance. Littérature africaine d'expression française.

Ao lado das injustiças e da violência que o Regime do Indigenato² acarretava na então colônia do Senegal, houve a construção das bases de uma educação colonial. O acesso à escola colonial pelos indígenas representava uma nova virada do processo de colonização. Emergia das camadas sociais locais, em particular, das *Quatre Communes du Sene-*

² O *Regime do Indigenato* ou mais conhecido como Code de l'Indigénat ou l'Indigénat constituía um conjunto de regras e normas disciplinares concebidas nas colônias francesas para o controle e a repressão das populações chamadas "indígenas" que seriam os nativos das colônias, que ali têm suas raízes e cujos costumes e religião os colocavam longe da civilização francesa.

*gal*³, uma elite intelectual literária. A administração colonial se interessava em oferecer uma educação com base num sistema fundamentado, essencialmente, em discriminatórios. O que leva a avultar a dupla intenção do ensino colonial, carregado por um lado, de impor aos colonizados a cultura francesa e, por outro lado, de continuar formando auxiliares a serviço da administração e do colonizador. Por trás dessa ação benevolente, escondia-se a necessidade de fornecer os subsídios pressupostos apropriados aos indígenas para que eles pudessem continuar colaborando efetivamente com o assentamento da administração colonial. Além disso, os indígenas que seguiam o ensino colonial, ascedem apenas, a cargos e posições de subalternos como: auxiliares administrativos, professores indígenas. Destacando que, os seus diplomas e suas qualificações profissionais não eram reconhecidas fora dos territórios da AOF (África Ocidental Francesa).

Conforme salienta Joseph Gaucher, a intenção de escolarizar os povos colonizados já tinha surgido, em 1816, em Saint-Louis, uma das primeiras comunas do Senegal onde foi mandado um professor da metrópole para administrar uma escola destinada a dar às crianças desta comuna um ensino bilíngue: francês e *wolof*, uma das línguas locais mais faladas no Senegal, atualmente codificada (GAUCHER, 1968). Pela primeira vez na história da colonização dessa região, o ensino dos nativos ia ser feito com uma das línguas locais, no entanto, essa ideia foi logo descartada definitivamente, em 1829, pela administração francesa.

É importante salientar que, nesse período, o sistema educacional colonial francês não se limitava somente dentro das *Quatre Communes du Senegal*, as instituições educacionais espalhavam-se progressivamente

³ Conhecidas sob o apelido de *Quatre communes du Sénégal*, as cidades de Saint-Louis, Gorée, Rufisque e Dakar eram concebidas como se fossem uma continuidade da metrópole francesa no continente negro e, cujos organização e funcionamento políticos eram instituídos com base nas características próprias de uma sociedade colonial.

34 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa em todos os territórios da AOF, considerando que a categoria alvo nesse processo de escolarização era oriunda dos espaços de “administração direta”, considerados como uma continuidade da metrópole.

Todavia, foi após a abolição do Regime do Indigenato, pelo decreto de fevereiro de 1946, que foram feitas reformas no sentido de generalizar o ensino colonial em todos os territórios, sem distinção de classes sociais e equipará-lo ao da metrópole. Esse período coincidia com o final da Segunda Guerra Mundial, momento em que o mito do colonizador caía drasticamente tanto nas colônias quanto na metrópole. Todavia, o período da Segunda Guerra tornava-se o palco de uma nova postura do povo africano em relação ao colonizador. A isso, juntava-se o levante dos *Tirailleurs Sénégalais*⁴ que buscavam o reconhecimento pelo esforço de guerra ao ver melhorar suas condições de vida e suas relações com a administração colonial: direito de se envolverem mais na política administrativa das suas comunidades, de serem tratados com mais respeito e dignidade.

Foi nesse panorama social e político que surgiu o movimento da literatura africana de expressão francesa nessa região da África Ocidental, que aos poucos foi substituindo uma literatura oral⁵ (contos, provérbios, lendas) que já existia no continente negro. É fundamental lembrar que a literatura africana de expressão francesa, que nasceu sob a influência ocidental, teve suas premissas na primeira década do século XX, no conti-

⁴ É importante lembrar que a lei do Indigenato submetia todos os originários dos territórios conquistados ao alistamento militar. Já na Primeira Guerra Mundial, os africanos haviam combatido pela França em todas as frentes. O recrutamento e o alistamento militar (muitas vezes forçados) aumentaram a partir de 1930, na véspera da Segunda Guerra Mundial, engrossando as fileiras dos *Tirailleurs Sénégalais* (Atiradores Senegaleses). Eles eram comumente chamados de *Tirailleurs Sénégalais* mesmo sendo recrutados em qualquer possessão colonial francesa da AOF.

⁵ “Podemos definir a literatura oral, por um lado, como o uso estético da linguagem não escrita e, por outro, o conjunto dos conhecimentos e das atividades que nela se relacionam” (ENO BELINGA, 1978, p.7).

nente americano, especificamente nos Estados Unidos, com as primeiras manifestações lideradas por intelectuais negros que reivindicavam o fim da alienação e da segregação racial.

Neste processo de luta, o movimento Black Harlem Renaissance, também conhecido por New Black desencadeou um amplo movimento de consciência histórica, política e cultural, baseado no reconhecimento do povo negro e na igualdade dos direitos. Assim, foi nessa onda de contestação que apareceu, em 1903, o primeiro livro escrito por um negro, intitulado *The Souls of Black Folk* em que William Edward Burghardt Du Bois, um dos adeptos do movimento de New Black e defensor da causa denuncia as exações feitas aos negros, enaltece a cultura africana e incentiva a emancipação do negro.

A efusão desta obra constituiu por muito tempo um arcabouço teórico para a mobilização de movimentos literários africanos. A partir desse momento são lançadas as bases da literatura negro-africana, em virtude do movimento do New Black. No decorrer do tempo, essa literatura ganha uma dimensão mais abrangente com a publicação do romance anticolonialista, *Batouala* (1921) de René Maran.

Considerado o precursor da literatura negro-africana, René Maran, de origem guianesa, formou-se em Paris no âmbito do ensino colonial, antes de ser nomeado administrador colonial na África. Dessa experiência surgiu *Batouala* (1921), considerado como “verdadeiro romance negro” (CHEVRIER, 1989) e que viria a receber no mesmo ano o prêmio literário “Goncourt”, apesar de ter suscitado uma indignação profunda, não só no meio dos defensores da literatura colonial, exótica e idílica, como também no das políticas coloniais. No seu romance, Maran critica com uma lógica implacável os abusos e a política de exploração da administração francesa na colônia da Oubangui-Chari (Atual África

36 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa Central), fustiga, sobretudo, os textos da nova elite intelectual *indigène* mais preocupada em imitar na sua narrativa os cânones estéticos e culturais europeus do que denunciar as realidades sociais que gangrenavam as colônias. Como explica (LEBEL, 1931, p. 87), as temáticas desenvolvidas por esses escritores visavam, em particular, promover um certo reconhecimento dos seus escritores na metrópole, porém, sua estrutura literária propriamente dita, revelava de forma nítida a intenção desses romancistas de fazerem a promoção e a valorização da sua produção para um público leitor ocidental.

Nessa conjuntura de narrativas romanescas, podemos citar os seguintes romances senegaleses: *Les trois volontés de Malick*, (1920) de Amadou Mapaté Diagne. Esse romance autobiográfico pode ser considerado como “cânone” da literatura senegalesa, nesse sentido em que constitui o primeiro texto romanesco, de expressão francesa, escrito por um *indigène* da colônia do Senegal. No romance, o narrador opta por representar o desejo de Malick, personagem principal, de se formar na escola do homem branco com intuito de romper suas tradições e costumes que ele considera ultrapassados e arcaicos. Na mesma sequência, aparecem *Karim*, (1935) de Ousmane Socé; *Force-bonté*, (1926) de Bakary Diallo.

Como indica o título do romance, *Force-bonté* revela a grande admiração, que nutre sua personagem, pelo poder colonial da França, após uma aventura como *Tirailleurs Sénégalais* ao lado do exército francês. Como a maioria das publicações deste período, o retrato mais incisivo dessa obra literária é o do negro assimilado e moldado à ideologia do colonizador, no sentido de que ele adula e valoriza os símbolos deste, em detrimento da sua cultura de origem.

Seduzidos pelo brilho artificial da civilização francesa, esses romances escritos nos moldes metropolitanos participavam da legitimação

da dominação e validavam os estereótipos coloniais. Longe de representar uma literatura negro-africana que quebra os paradigmas da civilização europeia e a assimilação cultural, destaca-se nessas escrituras a relevância em adular a “grandeza da França” e reproduzir no espaço tradicional senegalês, o modo de vida ocidental, mas sem evocar o contexto de exploração e opressão no qual essa literatura estava inserida LEBEL (1931).

Do ponto de vista temático, os primeiros textos literários, produzidos por intelectuais africanos assimilados, ajudaram, de fato, a reforçar a imagem distorcida que foi construída pelo ocidente sobre a civilização africana. Uma produção que (MIDIOHOUAN, 1986) qualificou de “romance colonial negro-africano”, uma vez que, produzida num contexto e espaço marcado pela política de assimilação e de alienação. Lembrando que naquela altura, as *Quatre Communes* constituíam os espaços literários mais influentes da África Ocidental, entretanto, tornavam-se um dos viveiros dos negros assimilados (FERRO, 1996, p. 276). Isso justifica, sem dúvida, a ideologia assimilacionista e a representação pouco combativo que se destacava nessa literatura. Observamos que durante todo o período de 1920 a 1930, esse conjunto de produção literária africana contribuiu especialmente para elogiar o colonizador, descartando qualquer crítica sobre as consequências nefastas do colonialismo.

Em meados de 1930 a véspera das independências, essa tendência de exaltação e adulação vai ser relegada por um tipo de deslize ideológico caracterizado por uma forte produção poética fundamentada na afirmação cultural do negro (KESTELOOT, 1963). Formado nas escolas coloniais, o grupo de estudantes negros vivendo na Europa, especificamente em Paris, revelaram por meio das suas escritas uma nova forma de ver o mundo. O grupo era composto pelo guianês Léon Gontran Damas (1912-1978), pelo martinicano Aimé Césaire (1913-2008), precursor do

38 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa conceito de negritude e pelo senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001). Trata-se de uma geração politizada, inserida no processo de libertação dos povos colonizados e engajada na difusão de ideias de negação ao colonialismo.

Preocupados pelos abusos do sistema colonial e pelas experiências vividas na metrópole, o grupo de estudantes começaram a refletirem e a problematizarem seriamente a sua condição enquanto homem negro e colonizado. Dentro deste contexto, eles começaram a buscar formas de combater a máquina repressiva do sistema colonial e de reconquistar a dignidade do negro, dando ênfase à questão racial. A partir disso, foram lançadas as bases de uma literatura aguçada com o intuito de libertação. Como explica Senghor: “O objetivo da Negritude é construir uma sociedade sem raças, onde o homem poderá finalmente aceder à liberdade, à justiça e à paz” (SENGHOR, 1975, p. 22). Com efeito, o movimento literário visava à construção da personalidade e da consciência negra, além disso, a denunciar o pensamento eurocêntrico, criando um sentimento de positividade da cultura do negro.

A história do movimento da Negritude recebeu um novo alento, principalmente a partir da publicação, em 1939, do poema intitulado *Cahier d'un retour au pays natal*. Nesse, Césaire retraza as condições sociais e morais do povo martinicano, ao posicionar-se como porta-voz da raça negra humilhada por muito tempo pelo colonizador. Césaire e os seus partidários assumem-se como fiéis defensores de uma sociedade condenada ao silêncio, mas também de todos os negros da diáspora condenados a ficarem mudos. A partir daí, o negro deixa de encarnar o papel de vítima, para assumir o papel de realizador, produtor e ator da sua história e do seu destino. Uma tomada de consciência que Fanon descreve no seu romance *Pele negra e máscaras brancas* (2008), da seguinte

maneira:

O negro [...] se for para a Europa terá de repensar a sua condição. Porque o negro na França, no seu país sentir-se-á diferente dos outros. [...] o negro inferioriza-se. A verdade é que o inferiorizam (FANON, 2008, p. 25).

De acordo com Fanon, a metrópole representa para o escritor um espaço de alienação e de frustração, onde o intelectual negro no seu cotidiano não deixa de parecer um ser inferior. Ora, descobrimos assim, junto à personalidade do negro, um complexo de inferioridade em relação ao branco. Uma situação social que caberá a ele aceitar ou rejeitar.

Com base nessa ideologia, consolidou-se uma luta de ruptura com a ordem colonial francesa, e sobretudo nasceu o desejo de resgatar uma identidade cultural própria do povo negro. Para fustigar de maneira explícita a opressão racial e a dominação cultural colonialista, Césaire e Senghor lançaram, em 1934, a revista literária chamada *L'Étudiant Noir* como veículo de denúncia e contestação do movimento da negritude contra o sistema colonial.

Reunindo todos os estudantes negros em Paris e sem distinção de origem, a revista incentivava os escritores a voltarem às suas origens africanas e condenava a imitação ocidental – justificando-se, assim, o sentido do título da revista *L'Étudiant Noir* – uma maneira explícita de exaltar a capacidade criativa do negro, de rejeitar o modelo cultural do colonizador e de colocar o movimento da Negritude a serviço da causa política maior. Assim, vale notar que por meio desta militância, a revista saiu como um instrumento literário indispensável para a libertação do povo africano ao facilitar uma larga propaganda da ideologia do movimento literário.

Aliás, é necessário chamar a atenção para o fato de que o movimento da Negritude, ao longo do tempo, ganhou uma dimensão política, aproximando-se da proposta essencial do Pan-africanismo e ensejou uma imensa produção literária repartida em quatro blocos, conforme as diferentes formas de colonização: a literatura negro-africana de expressão francesa, para os países de língua oficial francesa; a literatura negro-africana de expressão inglesa, para os países colonizados pelos britânicos; a literatura negro-africana de expressão lusófona, para os países de língua oficial portuguesa e a literatura magrebina de expressão francesa, para os países árabes do Magrebe.

Como instrumento de resistência à exploração colonial, esses diferentes tipos de literatura, que se formaram tanto dentro como fora do continente africano, embora produzidas na língua do colonizador, tiveram importante contribuição política e cultural na emancipação dos povos africanos. Ambos influenciaram de diferentes formas o despertar da consciência revolucionária na África, conforme explica Bernard Mouralis:

As literaturas africanas produzidas nas línguas europeias nascem a partir do momento em que os escritores manifestam a vontade de substituir seu próprio discurso pelo discurso que o Ocidente mantinha sobre a África e que ele se esforçava a impor como o único que se pode manter legitimamente sobre esse continente e suas sociedades (MOURALIS, 2007, p. 215).⁶

Nessa perspectiva, a literatura negro-africana revela-se como uma negação à literatura ocidental e ao pensamento colonial, tornando-se um

6 “Les littératures africaines produites dans les langues européennes naissent à partir du moment où les écrivains manifestent la volonté de substituer leur propre discours à celui que l’Occident tenait sur l’Afrique et qu’il s’efforçait d’imposer comme le seul que l’on pût tenir légitimement sur ce continent et ses sociétés” (MOURALIS, 2007, p. 215).

espaço de protesto e de reivindicação. A intenção dessa literatura é, de fato, reescrever sua própria história, que não será interpretada como um mero anexo da história ocidental. Assim, desconstruir o discurso colonial é uma maneira de reabilitação do continente africano. Na efetivação dessa empreitada, que corroborava com a luta contra o colonialismo, a literatura negro-africana lançou mão de artifícios que tiveram como principal objetivo ressaltar a africanidade dessas produções.

Nesse período de ascensão do movimento da negritude, mais especificamente, após a Segunda Guerra, foi publicada uma série de romances denunciando as mazelas da colonização. Dentro desse contexto, o romance de expressão francesa conheceu um grande sucesso, que contribuiu para realçar a contestação do aparelho de alienação colonial. Com essa necessidade, a literatura negro-africana de expressão francesa articulou-se em torno de diversas correntes romanescas entre as quais podemos apontar as mais importantes: os romances de contestação ou romances anticolonialistas, os romances históricos, os romances de formação ou romances de viagem e os romances de desencanto, que surgem nos anos pós-independência.

A literatura negro-africana de expressão francesa conquistou um marco poderoso com o surgimento dos romances de contestação. Sendo os mais virulentos no processo de descolonização do discurso hegemônico, esses textos de protesto e de denúncia social testamunham da maturidade dos seus autores pela veemência do tom ou da sutileza que usam para desvelar o sistema de exploração colonial. O caráter incômodo de que se reveste esse corrente literário revela a importância da literatura negro-africana como forma de resistência. A tomada de consciência da sua condição de subalterno libertou esses romancistas que decidiram, por meio das suas personagens, afirmar sua identidade cultural e combater as

42 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa injustiças da administração francesa. Isso deu-se através da personagem do velho camponês, recompensado por um serviço prestado à administração colonial em *Le Vieux nègre et la médaille* (1956), de Ferdinand Oyono; do jovem rural em busca de uma vida melhor na cidade em *Ville cruelle* (1954), de Eza Boto; do olhar ingênuo de um garoto em *Une vie de boy* (1954), de Ferdinand Oyono, ou ainda, por meio da maturidade de jovens sindicalistas revoltados em *Les bouts de bois de Dieu* (1960), de Ousmane Sembène.

Os romances históricos retratam a memória dos heróis do passado, contemplando a recuperação deste e a revalorização da cultura africana, que fora negada pelo colonizador. Os textos mais representativos dessa corrente literária são: *Crépuscule des temps anciens* (1962), de Nazi Boni; *Soundjata ou l'épopée mandingue* (1960), de Djibril Tamsir Niane.

Os romances de formação, entre os quais se destacam: *Un nègre à Paris* (1959), de Bernard Dadié; *Le Docker noir* (1956), de Ousmane Sembène; *Sous l'orage* (1957) de Seydou Badian; *Kocoumbo, l'étudiant noir* (1960), de Gérard Aké Loba, por sua vez, encenam, na sua narração, uma tomada de consciência das personagens principais após um longo período de ilusões e desilusões, de encontros e desencontros na metrópole, bem como a volta às suas terras natais. Motivadas pela ascensão nas colônias, elas se veem obrigadas a absorverem muitos dos valores ocidentais, durante as fases da sua formação. Talvez seja *L'Aventure ambiguë* (1961), de Cheikh Hamidou Kane, um dos romances que exemplifica melhor, já pelo título, a questão de conflito cultural, que nasce do contato com a civilização ocidental.

Personagem principal do romance, Samba Diallo, jovem estudante peulh, tendo no seu percurso frequentado sucessivamente, a escola corânica e a escola francesa, chamada de *l'école nouvelle* (KANE, 1961),

desloca-se para Paris com o intuito de continuar seus estudos em filosofia, os quais causaram um profundo dilema. De volta à terra natal, a pedido do pai, Samba Diallo enfrenta dificuldades para conciliar as tendências contraditórias das culturas europeia e africana. A estadia fora da sua terra marcou um momento culminante de deterioração da sua educação e dos seus valores muçulmanos. O jovem estudante não consegue enxergar mais com os mesmos olhos sua própria cultura, encontrando-se incapaz de se integrar e de se atentar aos usos e costumes da sua comunidade de origem; sobretudo, de praticar ou assumir suas obrigações religiosas.

Confronta-se com um modo de pensar totalmente oposto. Ao espiritualismo da sua cultura, sobrepõem-se o racionalismo e o materialismo do ocidente, que de fato, deixa-o numa situação ambígua. Imerso em um hibridismo cultural, o seu questionamento existencial, embora sofrido, virá traduzir-se no transcorrer da narrativa em sua morte precoce. Com efeito, mesmo se a temática desenvolvida nessa literatura de ficção não responde necessariamente às expectativas do contexto de denúncia ao colonialismo, o romance constrói um discurso relevante que abre uma nova visão da literatura negro-africana, uma vez que, sublima uma mudança nas estruturas sociais – expõe aspectos importantes da educação muçulmana e da cultura peulh⁷. Para além disso, convida os leitores africanos a refletirem sobre uma forma de conciliar, de maneira equilibrada, as culturas pelas quais são impregnados.

Cabe considerar que no início, o movimento da Negritude desempenhou um papel relevante na tomada de consciência do povo africano,

⁷ Um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental em termo populacional, os peulhs são descendentes de pastores nômades disseminados sobre o território onde eles formam grupos minoritários e fortemente hierarquizados. Muitos apegados aos valores tradicionais, eles valorizam a probidade, a inteligência e a sabedoria. Essas informações, talvez, justifiquem, por um lado, a dificuldade do protagonista de introduzir uma cultura ocidental nesse círculo fechado.

44 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa na valorização da sua identidade e na de todos os negros da diáspora. As ideias formuladas pelo movimento da Negritude constituíram, de fato, o ponto central da afirmação da identidade africana. Uma conscientização que deu um vigoroso impulso à luta pelo fim da discriminação, da opressão – à luta pela libertação das colônias do jugo europeu. Todavia, logo após a década de 60, uma nova realidade impôs-se às sociedades africanas recém-independentes: como lidar com um mecanismo administrativo capitalista, herdado do sistema colonial, associado a questões de sobrevivência cotidiana.

Os povos recém-independentes esperavam da elite intelectual, em particular da elite do movimento da Negritude, cuja maioria tomara cargos administrativos ou presidenciáveis em seus países de origem (caso do Senegal, com Leopold Sédar Senghor), um maior envolvimento nas questões sociais e econômicas dos países que passaram a dirigir. Como ressalta o etnólogo francês Georges Balandier: “a independência conquistada impõe obrigações imediatas: a de construir a nação nova, a de provocar o desenvolvimento econômico” (BALANDIER, 1965, p.139)⁸.

A transferência do poder nas mãos do Ocidente para as mãos da elite negra torna essa teoricamente responsável pela vida política e econômica dos seus países. Porém, a questão racial e de afirmação da identidade cultural já não constituem um discurso de interesse para o público africano. Esperava-se dos movimentos literários e da nova elite uma mudança de foco tanto no plano literário quanto no político. Mas, como explica Fanon, o paradoxo da elite da Negritude é que na sua preocupação de afirmar e de recuperar os valores culturais africanos, ela acaba retomando o discurso colonial da reconstrução identitária e da invenção

⁸ “L’indépendance conquise impose des obligations immédiates: celle de construire la nouvelle nation, celle de provoquer le développement économique” (BALANDIER, 1965, p. 13).

Começa-se a perceber no novo sistema político africano uma herança do colonialismo – uma continuidade da ideia de alienação e da opressão do negro pelo negro. Assim, para inverter essa situação assistimos, nos anos pós-independência, a emergência de uma importante força de denúncia social, formada por uma geração de romancistas neocoloniais, no sentido de organização política. Esses escritores, que buscam novos rumos e experiências ficcionais, continuam ligados ao fenômeno colonial, mas estando mais centrados nas questões que afetam essas sociedades em plena mutação. Os seus textos deixam de serem veículos de preocupações de cunho puramente cultural para passarem a transmitir as preocupações políticas dos seus autores. O tom de desilusão e de denúncia à violência e à corrupção dos novos dirigentes africanos constituíram as marcas essenciais dessas narrativas. Nesse contexto, podemos citar: *Le soleil des indépendances* (1968), de Amadou Kourouma, *Le mandat* (1966), de Ousmane Sembène; *Le Devoir de violence* (1968), de Yambo Ouologuem; *Tribaliques* (1971), de Henri Lopes, romances que põem em evidência as falhas da nova gestão política que ameaçam o equilíbrio dos valores culturais do continente africano ao mesmo tempo em que alertam sobre a formação de uma nova classe burguesa burocrata, maniqueísta, que colabora com a ideologia colonial.

Outro ponto importante a ser destacado nesse sentido é que o sistema educativo colonial promoveu, também, o processo de emancipação da mulher africana. Destaca-se na década de 90, a efervescência de um movimento literário feminista. Esse movimento constituiu, de fato, o primeiro grito francófono de reabilitação dos danos causados à mulher africana. Escrita por mulheres africanas, a literatura feminista introduziu um discurso de denúncia das desigualdades de gênero no universo

46 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa público quanto privado nas sociedades africanas. Ela trouxe, também, à tona questões ligadas à infertilidade, à poligamia, à mutilação genital, em outras palavras, essa literatura representava a posição da mulher e suas incessantes lutas pela inserção e pelo reconhecimento dos seus direitos nas sociedades africanas.

Considerações finais

Esboçando em linhas gerais o desenvolvimento dos nossos argumentos, podemos dizer que, independentemente das suas causas e de outros fins a ela associados, a colonização foi sempre definida como uma ação exercida por um povo civilizado sobre um país de civilização considerada inferior, com finalidade de dominação e de aproveitamento dos seus recursos naturais. Embora, agredidos e oprimidos em diferentes graus, os povos colonizados nunca foram elementos passivos desse processo de exploração; sendo agentes conscientes das mudanças sociais. Dito em outras palavras, eles se posicionaram como autores da sua história, não simplesmente vítimas como possa parecer. Após a resistência armada à ocupação, os movimentos literários revelaram-se como uma forma eficiente de luta e de resistência contra o poder colonial.

Nessa dinâmica, a política de assimilação tinha contribuído para o surgimento dessa elite letrada muito coesiva, que ganhou posição de influência na formação de valores e atitudes da população em geral. O surgimento e a consolidação de vozes críticas literárias, oriundas do ensino colonial tanto no interior como no exterior do continente africano, foram determinantes na transição para um conceito mais amplo de luta pela libertação dos povos colonizados, pois contribuiu sem dúvida para o rompimento da hegemonia cultural europeia sobre a África e para a

subversão do monopólio da representação. Embora seja recente, a literatura negro-africana continua a ser a via privilegiada para expor o descontentamento das massas, mesmo que muitos dos autores acabem por não se afastar tanto do poder como, inicialmente, pretendiam ou como nós podemos ser induzidos a acreditar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANDIER, Georges. Problématique des classes sociales en Afrique noire. *Les Cahiers de Sociologia*, Paris, v. 38, jan./juin, p.131-142, 1965.

BELINGA, Samuel Martin Eno. *La littérature orale africaine*. Paris: Nathan, 1978.

BERND, Zilá. O que é a negritude. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BIYIDI, Odile et al. La colonisation française en Afrique. In: THIMONIER, Olivier (Org.). *La France coloniale d'hier et d'aujourd'hui*. Paris, out. Survie, p. 7-15, 2006.

BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In: _____. (Org.). *História geral da África: a África sob dominação colonial: 1880-1935*. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1985. v. 7.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. Tradução de Joel J. Da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Khronos, 6).

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence Africaine, 1955.

CHEVRIER, Jacques. *Les littératures africaines dans le champ de la littérature comparatiste: contribution au précis de la littérature comparée de Pierre Brunel et Yves Chevrel*. Paris: PUF, 1989.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de

48 BAMPOKY, P. A literatura negro-africana de expressão francesa
Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da
Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRO, Marc. *A história das colonizações: das conquistas às
independências, século XIII a XX*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar.
São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GAUCHER, Joseph. *Les débuts de l'enseignement en Afrique
francophone: Jean Dard et l'école mutuelle de Saint-Louis du Sénégal*.
Paris: Le Livre Africain, 1968.

KANE, Cheikh Hamidou. *L'aventure ambiguë*. Paris: Julliard, 1961.

KESTELOOT, Lilyan. *Les écrivains noirs de langue française: naissance
d'une littérature*. Bruxelles: Institut de Sociologie, 1963.

LEBEL, Roland. *Histoire de la littérature coloniale en France*. Paris:
Larousse, 1931.

MENESES, Maria Paula. *O indígena africano e o colono 'europeu': a
construção da diferença por processos legais*. Silvia Rodríguez Maeso
(Org). *E-Cadernos CES - Identidades, cidadanias e estado*, Coimbra, n.
07, p. 68-93, 2010.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do
colonizador*. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio
de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MIDIHOHOUAN, Guy Ossito. *L'idéologie dans la littérature négro-
africaine d'expression française*. Paris: L'Harmattan, 1986.

MOURALIS, Bernard. *L'illusion de l'altérité: études de littérature
africaine*. Paris: Champion, 2007.

MOURALIS, Bernard. *L'oppression culturelle: la religion et l'école*.
In: Idem. (Org.). *Individu et collectivité dans le roman négro-africain
d'expression française*. Abidjan: Université d'Abidjan, 1969. (*Annales
de l'Université d'Abidjan, série D, Lettres, tome 2*).

SALA-MOLIN, Louis. *Le code noir ou le calvaire de canaan*. Paris: PUF,
1987.

SENGHOR, Léopold Sédar. Lusitanidade e negritude. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1975.